

Os desafios da educação em um mundo pós-moderno

por Heloísa Maria Costa Val Gomide Baroli¹

Vivemos momentos de mudanças em todos os setores da sociedade e a educação não fica de fora. Principalmente porque os alunos vivem em dois mundos diferentes: um fora e outro dentro das paredes da escola.

Acostumados a conteúdos dinâmicos, plasticamente atraentes, devido ao amplo acesso a dispositivos móveis e, quase sempre conectados, os alunos, quando chegam à escola, se deparam com outra realidade. Encontram um ambiente muitas vezes atrasado, com uma conexão de internet lenta, computadores obsoletos e professores ainda não habituados a lidar com tecnologia.

Isso nos repete a seguinte reflexão: estamos experimentando um era de muitos desafios, mas com inúmeras oportunidades. Com grandes possibilidades para impulsionar o tão sonhado avanço da educação.

O mundo pós-moderno proporciona os recursos necessários, porém impõe uma necessidade permanente ao educador: estar sempre atualizado. Seja do ponto de vista tecnológico, pedagógico, ético, e, sobretudo, no que diz respeito às novas abordagens e formas de relacionamentos que surgem com a evolução da sociedade.

Assunto que tratamos nesta entrevista com o filósofo e doutor em Sociologia, professor Pedro Demo².



¹ Mestre em Educação – Formação de Professores – UCDB – 1999. Licenciada em Matemática – UFMS – Campo Grande – MS. Associate in Science in Data Processing – Santa Fe Community College –Gainesville - Florida – USA.

² Catarinense, filho de pais agricultores estudou no Seminário dos Franciscanos, fez depois filosofia e parte da teologia. Na Alemanha fez doutorado em sociologia (1971), cuja a tese recebeu nota máxima e foi publicada em 1973(Anton Hains verlag, Meisenheim). Voltando ao Brasil, foi assessor dos bispos até 1975, quando ingressou no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (Ministério do planejamento, orçamento e gestão), onde permaneceu até 1994 e se Aposentou. Assumiu então, tempo integral na universidade de Brasília (UnB), onde é hoje professor titular do departamento de sociologia. Fez Pós Doutorado na University OF Califórnia at Los Angelis (UCLA)(1999- 2000). Publicou até o momento mais de sessenta livros, nas áreas de política social (educação) e metodologia científica. Desde fins de 1980 dedica-se ao desafio de formação permanente de professores.

Heloísa Baroli: Qual o maior desafio da educação nos tempos atuais?

Pedro Demo: Considero desafio dos mais encardidos passar do sistema de ensino para de aprendizagem. A escola (em especial no Brasil) não é feita para o estudante aprender; é para oferecer aula, repasse de conteúdo, memorização, prova, no estilo de “cursinho”.

Na escola fartamente aula e conteúdo, mais provas; não temos aprendizagem. No Mato Grosso do Sul, no Ideb de 2013, apenas 8% dos estudantes na 3ª série do ensino médio aprenderam adequadamente matemática: ínfima minoria. A grande maioria perdeu sua chance e seu tempo. Nos anos finais em Campo Grande, em 2013, o aprendizado adequado de matemática chegou a apenas 16%, também cifra miserável. A média nacional de aprendizado adequado de matemática na 3ª série do ensino médio em 2013 foi de 9,3%, um insucesso lamentável que coloca 90% dos estudantes como excluídos.

Ainda, podemos observar um perfil claro na estrutura da educação básica: nos anos iniciais (reino do pedagogo) há um viés de ascensão, em especial em matemática (para espanto nosso, já que em geral se alude que pedagogo foge de matemática); nos anos finais ocorre queda acentuada e no ensino médio é uma tragédia (reino do licenciado). Ou seja, o sistema possui uma dinâmica perversa de “*desaprendizagem*” – à medida que os estudantes sobem nas séries, caem no desempenho, sistematicamente, a partir dos anos finais. Não podemos dizer, linearmente, que a má aprendizagem dos estudantes se deve diretamente ao mau desempenho dos licenciados, porque aprendizagem é dinâmica complexa, sendo a ligação com os docentes apenas um dos fatores.

Mas, naturalmente, “tem a ver” – o desempenho dos licenciados está muitíssimo abaixo do esperado, sobrando a impressão de que, não sabendo aprender, não conseguem que seus estudantes aprendam, embora tenham todas as aulas e passado por todos os conteúdos. Aula não falta (se brincar, o MEC empurra mais alguns dias por ano), mas falta *tudo*, porque, faltando aprendizagem, a escola é uma fraude. No Maranhão, apenas 2,8% dos estudantes tiveram aprendizado adequado na 3ª série do ensino médio em 2013, sendo que esta cifra era de 4,1% em 1995 – tudo perdido. O Plano Nacional de Educação (PNE) foi erigido para cuidar, por dez anos, desse “defunto” pedagógico. Entre impropriedades gritantes consta recuperar os estudantes que aprendem mal. Sonsamente, faz de conta que ignora, primeiro, que, como quase todos não aprendem, precisamos de outro sistema inteiro, e, que a recuperação vai ser feita por quem provocou o estrago. Brincadeira!

Heloísa Baroli: O professor precisa ter mais liderança?

Pedro Demo: O professor não precisa apenas de liderança, mas principalmente de ser “profissional da aprendizagem”, não do ensino. Liderança é referência importante, mas é instrumental. Para que o estudante possa ter seu direito de aprender bem preservado, precisamos ter um professor que sabe aprender como autor, saiba pesquisar e elaborar, tenha noção teórica e prática de educação científica, produza seus textos e continue estudando sempre.

Este tipo de liderança é crucial: exemplo de como se aprende bem. Embora o professor seja muito mal formado na faculdade e por isso tenhamos que questioná-lo, há que questionar muito mais a faculdade e sua pedagogia/licenciatura. Se ele é problema, é principalmente a grande solução. Não resolve tudo sozinho, nunca; mas é peça tipicamente chave para a aprendizagem dos estudantes, ou o grande “mediador”. Por isso, precisamos cuidar do professor religiosamente, porque toda mudança profunda na escola acaba sendo mudança docente. Precisamos dele impreterivelmente.

Heloísa Baroli: Como o professor pode tirar vantagem da tecnologia?

Pedro Demo: Tecnologia, para a aprendizagem, é instrumentação, embora tecnologia, em si, não seja só instrumentação (é, por exemplo, alfabetização, condição evolucionária, autorrenovação etc.). Não aprende por nós, não substitui o professor, não facilita a vida. Mas pode ser de grande valia, agora que penetrou a educação por todos os poros. No entanto, como sempre se alegou entre os fundadores do computador e da internet, tais tecnologias não poderiam, jamais, se utilizadas para enfeitar defunto. Teriam de ser ocasião primorosa para virar a mesa. Completamente. Sempre se esperou que computador na escola fosse objeto de programação por parte do estudante (ou invés de estar à deriva da máquina, colocá-la à deriva), entendendo-se programação digital como alfabetização. Alfabetização dirige-se a linguagens que precisamos aprender para exercer nossa autoria no mundo: ler/escrever/contar; literacia digital; programação digital; educação científica (linguagem formal matemática e acadêmica) etc. Neste sentido, o grande barato das novas tecnologias é curtir autoria, individual e coletiva (à la Wikipédia), superando o instrucionismo escolar apegado à aula e ao repasse de conteúdo morto.

Heloísa Baroli: Falta cultura digital na escola? A tecnologia e seu conteúdo devem fazer parte do dia a dia escolar?

Pedro Demo: Literacia digital é parte da vida, já. Os estudantes vão precisar dela concretamente, para tudo, praticamente, na vida e no trabalho. Sob este ângulo, não poderia faltar na escola esta habilidade – produzir ciência precisa ser feito em ambiente virtual, primordialmente. No entanto, o ambiente virtual é meio, produzir ciência é fim. Estamos ainda muito atrasados com infraestrutura (internet de banda larga de qualidade elevada), o que tem impedido o bom uso na escola. Ainda, professor precisam de apoio para poderem ser incluídos digitalmente.

Heloísa Baroli: Mas e os livros? Eles resistirão às tecnologias digitais?

Pedro Demo: Os livros provavelmente vão resistir, nem que seja como relíquias para presente. Embora novas tecnologias substituam anteriores, nem sempre se faz terra arrasada. O livro vai certamente sobreviver, embora ceda grande parte de seu espaço anterior ao livro/texto digital. Entram em cena outros formatos de leitura que concorrem com aquele mais clássico (meditado, revisado, recomeçado, profundo), entre eles ler de relance, ler o começo e o fim, passar cima rapidamente etc. Se olharmos o Twitter com seus 140 toques, fazemos votos que isto não seja o futuro do texto!

Heloísa Baroli: As tecnologias estão atrapalhando os alunos? Aplicativos, games em dispositivos móveis acabam sendo mais atraentes que livros, que o estudo. Como podemos equilibrar isso?

Pedro Demo: Tecnologia pode atrapalhar, tanto quanto o professor também pode atrapalhar! Se olhar mais detidamente o que é aprender – atividade autopoietica, autorreferente, autoral, de dentro para fora, autorrenovadora – podemos logo perceber em que as tecnologias podem atrapalhar. Atrapalham quando só servem para plágio, reprodução; ou quando distraem em demasia, não restando tempo para estudar/pesquisar/elaborar; o quando viciam... Mas, como tecnologia veio para ficar, precisamos saber usar bem. Os produtos nem sempre são favoráveis; por exemplo, muita gente reclama do *iPad*, porque sequer tem editor decente de texto; é maquininha que promove a passividade do usuário. Mas não é sina. Tecnologia pode ser de grande valia quando é aliada da promoção da autoria.

Heloísa Baroli: Falta didática nas escolas? O professor está sabendo passar o significado das disciplinas e não só cumprindo o conteúdo programático?

Pedro Demo: O professor “não passa significado”, porque não é “passável”; é, porém, reconstruível, autoralmente. Se didática significa “arte de repassar conteúdo”, sobra na escola, do que segue que aprendizagem nenhuma aparece. Não é “arte”, é trambique. Quando se propõe extinguir as aulas, não dispensamos o professor; ele continua o mesmo “mediador” (à la Vygotsky) de sempre, absolutamente fundamental, não para repassar conteúdo, mas para orientar e avaliar a produção discente, todo dia. Os conteúdos estão todos na web, de mil maneiras; quem repassa conteúdo é o computador. Professor tem outra missão, desde a maiêutica (há mais de dois mil anos), de cuidar que o estudante desenvolva sua autoria.

Heloísa Baroli: Para termos bons alunos na universidade, precisamos de boas escolas primeiro, certo?

Pedro Demo: Temos aí um círculo vicioso; para quebrá-lo, começo pela universidade, pois é ela que inventa nossos professores. Está colhendo o que plantou! Em termos de atraso pedagógico, é o maior que temos: uma universidade onde o estudante passa 4 anos e sai sem saber produzir conhecimento próprio. Foi ludibriado. Uma universidade incapaz de produzir adequada educação científica é do arco da velha. Certamente, os estudantes chegam muitíssimos despreparados; bastaria rever os dados da primeira pergunta. Mas, em certo sentido, é o estudante que a atual universidade “merece”. Quem criou Mateus, que o embale!

Heloísa Baroli: Hoje, praticamente, todos os alunos utilizam o celular. Como o professor pode utilizar desta tecnologia móvel na sua prática docente?

Pedro Demo: O celular pode ter utilidade como modo rápido de comunicação, cada vez mais sofisticado (está virando o computador do futuro), mas ainda temos muitos desafios a superar, a começar pela dificuldade de “fazer texto” com tela tão pequena. Talvez, quando o celular transformar em texto a voz, isso avance mais rapidamente, mas ainda não temos o que chamamos de “elaboração”, dinâmica essencial para a aprendizagem. Com acesso a sites e a tantos dados, podemos usar o celular para isso, naturalmente, mas é atividade subserviente. Informação ainda não é conhecimento.

Heloísa Baroli: O que o Senhor Pode falar sobre a gamificação aplicada à educação?

Pedro Demo: Gamificação parece coisa nova, mas é bem velha em educação – o apelo a jogos é atávico. O termo aponta para uso digital de jogos (videogames, por exemplo), no contexto de metodologias específicas mais evoluídas (gráficos sofisticados, digamos), na expectativa de que, usando ambiente de jogo, tenhamos um estudante que suporte melhor a escola. Sempre foi claro que videogames sérios conseguem provocar a motivação intrínseca (é a que conta, ao final), uma das razões para alguns verem em videogames o ambiente mais propício de aprendizagem hoje disponível. Evolucionariamente falando, aprendizagem é típica atividade lúdica, porque é forjada sob ímpeto intrínseco de autorrealização. No entanto, lúdico, não “prazer” apenas, é alegria do bom combate (como nos videogames sérios), não do bobo alegre.